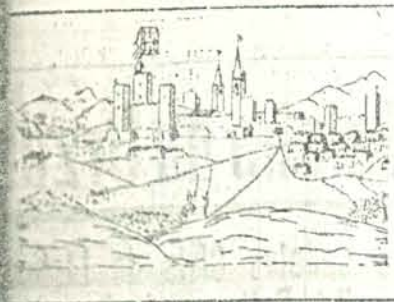


Correio de Nisa

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA
Director - ABEL MONTEIRO

Comunicamos a todos os presados assinantes que vamos ordenar a cobrança dos respectivos recibos.



Propriedade da Direcção / Editor: João da Cruz Rosa / Impressão: Tipografia Castelvidense, Castelo de Vide / Redacção e Administração: Largo do Dr. António José de Almeida-NISA

ASTRIGILDO

O brilho do espírito do saudoso Astrigildo Chaves projecta-se ainda nas almas bem formadas. Assim o vem provar o sr. J. Figueiredo, no seu artigo, no «Correio de Nisa».

Não será talvez fastidioso tudo, de novo, recordar a figura do poeta, que tão elegantemente cantou suas desditas, assim, se me permite a bondade do digno Director deste jornal, competente Professor de ensino liceal, a quem me prendem laços de sincera estimativa. Desejo depôr mais uma vez sobre aquele verdadeiro artista com quem tive a honra de conviver na infância e na maioridade.

Agradeço o esclarecimento do distinto articulista, sr. J. Figueiredo, sobre a minha errada suposição, acerca da terra da naturalidade de Astrigildo Chaves. Deve ter havido lamênvel equívoco da minha parte, pois em menino e moço o meu saudoso amigo me dizia que Nisa dera os primeiros vãos do espírito. Muito obrigado, fiquem pois por tão amável explicação do sr. Figueiredo.

Viveu em Nisa desde tamanho; lá aprendeu depois o albeta; e esse lírio branco floriu na terra linda do Alto Alentejo, deste nosso Portugal — a terra onde nasceram tantos outros espíritos de eleição, alguns dos quais conheço, felizmente, ainda bem que Astrigildo foi receber os ares salubres da vila onde moravam seus parentes, que tão acolhedores e generosos foram para ele.

Deve ser motivo de legítimo orgulho, para os bons nenseses, serem visto na sua terra esse poeta de verdadeiro mérito, de valor intelectual e de bondade extrema, ensaiar os seus primeiros passos para a vida do mundo, este lago enorme de esperança e vilania, onde medram os mais audaciosos...

Estou agora mesmo a recordar-me de uma carta, que em 1904 me escrevia esse mancebo, então apenas de vinte anos. E, no final duma «estrofe» modelar, dizia: «Tinha a alma, a inteligência, a facia nobre dos fortes lutando a sua vida... Acrescentando «Ai, vida, que uma amostr. Manda dizer gostaste, a ver se dás corações para continuar. Há tempo que os puz de parte, pois são feitos de traços tristes, pedaços da minha alma torturada, talvez o meu amor antigo, e podem mais acoisar a minha inspiração. E' corre o meu este combate. E' uma luta contra os elementos. Até a quebraquinhez do meio em que vivo me combate e me tortura; que precisava de ser livre, de elevar as minhas idéias de conduzi-las à nebulosas e aos...

nar-me as vistas, esta barreira imensurável, sintetizada no tecido duma caserna, ou nas paredes algures duma «casa da guarda»!

Era bem o grito dum espírito revoltado, vítima do meio ascoso em que vivem certas almas nobres como a desse grande homem que, além de tudo, tinha um coração bem formado de mais, para viver neste chavascal, onde só os homens de bigodes assanhados e de unhas compridas podem vegetar...

Por este mês de Agosto, período canicular, escreveu ele um dos seus maravilhosos sonetos. Foi em 1905. Consinta o leitor que o transcreva na integra:

Agosto. Luz chala. E sol; é dia...
O solta de dermalta e de Ambril
Um Bardas climam; e o trovador
Nota seus olhos olhos poetas!

Agosto! E quanta dor, quanta agonia
O Luar souvo malgo da pastor!
Quanto Hamlet da Vingança e do Terror,
Quanto Dillie o Luar não alume!

Tu quando ergas meus olhos para o Espaço
E vejo do Planeta deusa albar lago,
Os olhos onde a luz já se apagou.

Eu, abro o abanico do pensamento
E lembro certo Ambril tão puro e areolar
Aquilo que faz agnos os alagou!

Não roubo mais espaço ao «Correio de Nisa», nem mais tempo e paciência aos seus leitores. Só desejo terminar estas despreziosas notas, afirmando que a figura de Astrigildo Chaves, que alicerçou junto dos nenseses os seus primeiros conhecimentos, foi um espírito superior, que além de ter pintado com admirável veemência os sentimentos e paixões moribundos da vida humana, do nosso tempo, além ainda de ter sido um artista, vítima do meio pelintra em que vivemos, malbaratou talento, mas foi ainda modelar chefe de família, deixando, pelo menos, um filho, herdeiro do seu nome honrado e digno. Uma doença grave o vitimou, mas nem por isso deixou de nos legar as mais belas flores do seu lindo canteiro, uma grinalda poética cheia de encanto, de perfume e de luz. E renovo a saudade por esse grande espírito, lembrando a doçura dos seus formosos septissilabos

«Saúde, saúde, saúde,
Já a morte que revive,
Saúde, saúde,
Saúde, saúde, saúde,
Saúde, saúde, saúde»

Que Deus se amercie da sua alma nos páramos do Céu, pois tanto sofreu na terra o Artrigildo!

ANTÓNIO MOTA

N. R.— Este excelente artigo do nosso ilustre colaborador António Alves da Mota vem enriquecer as colunas modestas do «Correio de Nisa», esgotando ao mesmo tempo, um assunto que ficou por completo esclarecido. Por tal, «finis, laus Deo».

ESTE NÚMERO DO «CORREIO DE NISA» FOI VISADO PELO CENSOR DO DISTRITO

O Condestável D. Nuno

Uma portaria do sr. Ministro da Guerra acaba de nomear patrono da Infantaria Portuguesa, o Condestável D. Nuno.

Uma das figuras mais heroicas da História Nacional, Nuno Álvares Pereira simboliza, como chefe militar e como português, as grandes virtudes da raça: a abnegação, o espírito de sacrifício, o amor luta, a dedicação à Pátria, a capacidade combativa até ao Sangue se a Nação periga—virtudes que ainda hoje são apanágio e ideal da arma de Infantaria.

Se por um lado, o destemido Condestável se releva, nas lutas da Independência, um prestigioso e experiente militar, conduzindo as batalhas dentro de critérios que ainda hoje se afiguram rigorosos de técnica, por outro, é avanteiro, entre quantos portugueses combateram com denodo o inimigo, pelas suas excelsas qualidades de português que, frente ao inimigo, não esquece nenhum dos seus deveres de lusiada e de erente. A Infantaria Portuguesa sofreu então impulso decisivo para a sua evolução posterior. A técnica e a táctica do Condestável condicionaram esse desenvolvimento que, séculos depois, nas lutas da expansão, havia de ser coroado de êxitos brilhantes. E bem pode escrever-se que as bases da organização militar portuguesa — então restrita à Infantaria — foram lançadas pelo saber, pela ousadia e pela coragem do Condestável. A Infantaria Portuguesa, orgulhosa herdeira dessas tradições, acolhe, de há muito, com jubilo a idéia que agora o diploma oficial executou. Por outro lado, a figura do inclito guerreiro-monge entrou há muito na devoção do Povo Português. Por ela, maior será, de ora em diante, o culto que a Infantaria Portuguesa terá na gente da Nação.

Gazetilha

Desespera-se com o solta de chuva (dos Jornais)

«Quem espera desespera» — dizemos constantemente — e, por isso, há muita gente que fala, e não considera ser preciso nesta era (como em todas, aliás) ter um don, um «facutaz»: deixar maturar a uva, e beber esperar pela chuva. Ser nas esperas um «si»!

SUMATRA DE LEMOS

ANUNCIEM NO «CORREIO DE NISA», QUE CIRCULA EM TODO O PAÍS.



Três bandeiras;
Três símbolos do
Direito e da Jus-
tiça que, numa nova aura de Luz e
Progresso, quebraram as
algemas do imperialismo
nipónico.

Relatividade absoluta

A propósito da mudança cronométrica que o Governo ordenou há já alguns dias, discutiu-se, a diferença específica de significado e valor que poderia existir, entre a expressão «24 horas» e esta outra: «zero horas».

Bôa gente, honesta e activa, ocupava os magros ócios dum Domingo numa discussão abstinada, afim de aclarar se aquelas expressões qualificativas e determinantes seriam ou não, na roda do tempo, rigorosos sinónimos.

Os termos eram comedidos; e os atrecentes, em boa ordem de intenções e sob uma chuva torrencial de á-partes, que os «encharcava» a valer, a todos os argumentos recorriam, numa ideia única e continua: convencerem-se mutuamente de que tinham razão.

O acidente, enfadonho e resistidor para uma Academia de ciclistas fêmeas, tomou fóros de acontecimento, no pacato ambiente, onde tudo se passa e realiza, com ordem metódica, lenta e, por isso mesmo, agradável e desusada.

Uma das teses em causa (ingenuidade antiga que, por vezes, se encontra em bons espíritos desta época) baseava-se fundamentalmente em que «24 horas de um dia era coisa diversíssima de «zero horas» do dia seguinte.

As premissas desta conclusão assentavam num conceito original das medidas de tempo: na divisão completa das unidades horarias, de tal modo cindidas, separadas, a ponto de ser forçoso conceber entre elas, um «tempo de ninguém».

Assim, entre as «24 horas»

dia seguinte, deveria existir qualquer «coisa» (I) que não era nem «24 horas» do dia anterior nem «zero horas» do dia imediato.

Sem que o suspeitassem, os contendores daquela temível batalha horária, arrastada por uma manhã inteira, tinham posto o grave problema do «infinitamente pequeno».

E, porque se tratava, de facto dum problema desta espécie e de razão, talvez, por que os (Conclui na 2.ª página)

Eng. Alexandre Cordeiro

Uma oportunidade proporcionada pelos nossos habituais labores da Imprensa primitiva-cumprimentar, em Castelo de Vide, o Ex.º Sr. Eng. Alexandre Durão Cordeiro, ilustre e devotado Presidente daquele Município e Director do muito presado Colega «O Castelvidense».

Pelas suas muitas qualidades pessoais, traduzidas sempre por requintadas gentilezas, o Sr. Eng. Durão Cordeiro muito nos honra com a sua presença.

Obras

É já longo o número de predios que estão sendo reparados nas respectivas frontarias.

Beneficência que os conserva, contribui também para o alindamento desta alegre Nisa, onde a branura imaculada da cal, em equilibrado contraste com o rubro vermelhão dos beirais, põe verdadeiras notas vivas de ternura e acolhimen-

ANTOLOGIA

O' Virgens que passais, ao Sol-poente,
pelas estradas ermas, a cantar!
Eu quero ouvir uma canção ardente,
que me transporte ao meu perdido Lar.

Cantai-me, nessa voz omnipotente,
o sol que tomba, aureolando o Mar,
a fartura da seara reluzente,
o vinho, a Graça, a formosura, o luar!

Cantai! Cantai as límpidas cantigas!
Das ruínas do meu lar desaterrai
todas aquelas ilusões antigas

que eu vi morrer num sonho, como um ai...
O' suaves e frescas raparigas,
adormeccei-me nessa voz. . . cantai.

ANTÓNIO NOBRE

Relatividade absoluta

(conclusão)

argumentos se escapavam, e perdiam, desaparecendo velozes, matreiros, como bolinhas de mercúrio, nos cantos do sobrado.

Daqui: o «campo neutro» ó meato horário, a diferença de significado e valor, quanto às duas expressões em causa: dali: o rigorismo da sinonímia, a perfeita igualdade, entre aquelas frases, aparentemente desiguais.

Eis as duas hipóteses propostas, as duas opiniões em luta, os dois aspectos da batalha. Ora a verdade é que, na roda dos tempos, não há possibilidade de paragens, a não ser na «literatura» dos anúncios de certos artefactos para toucador.

E, por tal razão, os meatos horários são coisa de pura hipótese filosófica, por motivos muito variados, agora, de uma inoportunidade flagrante.

«24 horas de hoje» — «zero horas de amanhã: um ponto de início e, dele divergentes, dois sentidos opostos.

Qual o último ponto duma circunferência?

«Os últimos serão os primeiros».

E' sentença antiga, com boa dose de simplicidade e bom tempero de Metafísica.

O nabado janta iguarias que são pobres de pobres; o mendigo que lhe bate à porta, no fim do dia, almoça migalhas de rico. O relógio do salão marca meia noite em ponto; no estômago do pária é ainda manhã cedo.

Quando nasceste? A's 24 horas de sábado ou às «zero horas» de Domingo?

Enquanto fazes a caminhada da vida, em que dia festejas os teus anos? Podes escolher a vontade. Quando tiveres «a tua hora chegada», morres, sem que tenhas vivido, nem um só instante, a mais ou a menos.

«Zero horas» — «24 horas»! Tudo relativo; mas, no entanto, absolutamente o mesmo.

ABEL MONTEIRO

Mata Veiga

A passar uns dias de licença, encontra-se em Castelo de Vide, com a Ex.^{ma} Família, o novo amigo e presado assinante Sr. Mata Veiga, digno funcionário da Secção de Finanças de Nisa.

Festas na Amieira

Segundo nos informaram, em Nisa, realizaram-se, na vizinha povoação de Amieira, alegres festas populares, a que emprestaram brilho as cerimónias religiosas.

O producto liquido destes festejos revertirá em benefício da Santa Casa da Misericórdia.

Em Elvas

Encontra-se em Elvas, com demora de alguns dias, a Ex.^{ma} Sra. D. Georgina Cardoso digna esposa do Sr. Tenente Mendes Cardoso, Comandante da Guarda Nacional Republicana.

Doente

Tem estado doente, há dias, o Ex.^{mo} Sr. António Goulão a quem muito sinceramente desejamos rápido restabelecimento.

D. Júlia Marcelly

Para Sintra, onde vai passar a época calmosa, partiu há dias a Ex.^{ma} Sra. D. Júlia Marcelly, nossa distinta assinante. Com os mais respeitosos cumprimentos, desejamos à Ex.^{ma} Senhora alegre repouso.

Para Gáfete

Com a Ex.^{ma} Família, partiu para Gáfete, onde vai passar as férias o nosso muito presado Amigo e assinante, Sr. Professor António Baptista Camilo. Os nossos cumprimentos afectuosos e desejos de merecida tranquilidade.

LEIAM NA 3.^a PÁGINA O ANÚNCIO DA «Casa Victória»

Pedras

de um grande templo

2 de setembro de 1415—Retira de Ceuta a armada de D. João I que passara a Africa e engastara no diadema real a primeira jóia das vastas descobertas e conquistas que iriamos fazer por todas as partes. Ficou como governador da praça o conde de Viana, D. Pedro de Meneses.

3 de setembro de 1189 — D. Sancho I conquista a poderosa cidade de Silves, no reino dos Algarves.

4 de setembro de 1479—Assinam-se em Alcáçovas os preliminares de paz entre os Reis Católicos, Fernando e Isabel de Castela, e o Rei Afonso V de Portugal, em luta deste maio de 1475 devido à sucessão de Henrique IV na pessoa da Princesa D. Joana.

5 de setembro de 1346—Entra no porto francês de Toulon a armada portuguesa de seis navios do comando do almirante Cosme do Couto e de que era general D. João de Meneses que El-Rei D. João IV enviava a auxiliar a França na expedição contra a ilha de Elba em poder dos espanhóis. Foi notável a nossa acção no cerco de Porto-Longone.

6 de setembro de 1295—Reinando em Portugal o muito douto rei D. Deniz, faz o rei de Castela promessa solene de ceder a Portugal as vilas de Seipa e Moura com seus termos. A promessa só mais tarde se cumpriu, sendo então rectificadada a fronteira.

7 de setembro de 1822 — O Reino do Brasil separa-se da Mãe-Pátria. O Príncipe D. Pedro, Regente em nome de seu augusto Pai o Senhor D. João VI, que regressava a Lisboa, levantou o grito de Independência e fez-se aclamar Imperador.

8 de setembro de 1202—Nasce o Infante D. Sancho, filho de D. Afonso II e que veio a reinar com o nome de Sancho II, perdendo a coroa, mais tarde, a favor de seu irmão D. Afonso, o 3.^o do nome em Portugal.

Dr. Gomes Correia

Foi-nos muito grato cumprimentar em Nisa o Sr. Dr. José Gomes Correia que aqui veio, em curta visita. Desejamos-lhe todas as prosperidades de que é digno pelos seus excepcionais dotes de caracter e muito satisfeitos ficamos com um rápido regresso a esta linda Vila, onde tanto é estimado.

Em Castelo de Vide

Encontra-se em Castelo de Vide, onde tivemos oportunidade de o cumprimentar, o Ex.^{mo} Sr. Eng. Perez Durão, nosso illustre colaborador e dedicado Amigo, Professor do «Colégio Condestável».

VENDEM-SE

Duas caurelas contiguas, no Vale d'Alberta, perto da Estação do Peso. Dirigirem-se a António Mourato Pelequito—ALPALHÃO.

O Crime do Moínho do Urzal

O director das Cadeias Civis de Lisboa louvou o Rev.^o P.^o Baltazar de Carvalho

É com a maior honra e prazer que transcrevemos das «Notícias» o que se segue, a propósito do nosso querido e illustre conterrâneo, o bondoso sacerdote, Padre Baltazar Diniz de Carvalho—Romeiro da Verdade e da Justiça:

«O director das Cadeias Civis de Lisboa, sr. Dr. Joaquim Saldanha, publicou em «Ordem de Serviço» o seguinte louvor:

«Tomou esta Direcção conhecimento da absolvição em revisão do processo no Tribunal da Comarca de Vila Verde, em 16 de Julho do corrente ano, do recluso destas Cadeias Abilio Augusto Soares da Silva, casado, official de diligências do Tribunal da comarca de Arcos de Valdevez, que por este Tribunal, em 29 de Outubro de 1944, havia sido condenado em pena de oito anos de prisão maior celular, seguidos de 20 de degrêdo, ou, em alternativa, 28 anos de degrêdo, pelo crime de homicídio voluntário na pessoa de Luiz Pereira «O Torcidas», residente que foi em Urzal—Arcos de Valdevez.

Contribuiu decisivamente para esta decisão absolutória o Capelão de Caxias, onde o dito recluso se encontrava a cumprir a pena, Rev. Padre Baltazar Diniz de Carvalho, o qual, em serviço da sua nobre missão de assistente religioso católico, junto daquele recluso, e fora do Sacramento da Confissão, se convenceu de que ele se encontrava inocente.

Levado por um sublime impulso de consciência e de caridade cristã de homem recto e zeloso sacerdote, e pelo desejo de obter para o recluso a sua reabilitação e justa reparação desenvolveu o capelão da Cadeia de Caxias, uma enorme actividade para conseguir a revisão do processo e os recursos monetários para as despesas necessárias para organizar novas provas no julgamento, que veio a ter lugar, de novo, naquella Comarca.

Tendo sido pela segunda vez julgado e condenado pelo Tri-

Grémio da Lavoura de Nisa

MANIFESTOS

TRIGO E CENTEIO — Os produtores são obrigados a efectuar os manifestos de trigo e centeio, no prazo de 10 dias, após a debulha do cereal e nunca além de 15 de Outubro.

CEVADA—O manifesto será feito no prazo de 10 dias, após a debulha e nunca depois de 15 de Setembro.

MILHO—Os produtores de milho do nosso concelho são obrigados a efectuar o manifesto da presente colheita neste Grémio da Lavoura no prazo de 10 dias a contar da debulha e nunca depois de 30 de Novembro.

Consideram-se como produtores:

a) Os proprietários e os rendeiros que cultivem milho

bunhal de Arcos de Valdevez foi este julgamento anulado pelo Venerando Tribunal da Relação do Porto e designado, depois, o Tribunal da Comarca de Vila Verde para repetição de julgamento.

Neste Tribunal foi então julgado e absolvido e ilibado o crime por que havia sido condenado, sendo-lhe arbitrada devida reparação.

Pelo extraordinário esforço que votou e dispendeu em pro desta clamorosa obra de justiça, pelas inúmeras e trabalhosas diligências que empregou com inteligência, dignidade singular isenção, não pode esta acção e esta atitude passadasapercebidas nestas Cadeias.

Nesta longa e santa Cruz da de Caridade, Cristã, revelou o Rev. Capelão Baltazar Diniz de Carvalho rara energia, obstinada coragem (nunca esfraldada pelos dissabores e contrariedades sofridas) e um ar desassombro que constitui uma lição e um exemplo digno de relêvo nos tempos de egoísmo que atravessamos.

Apraz-me, por isso, louvar com sincera admiração este valioso cooperador dos Serviços de Assistência das Cadeias Civis de Lisboa e reconhecer meu grande apreço pela obra moral e apostólica que vem realizando».

De Regresso

Vindas das praias e terminadas já muitas pessoas regressar a Nisa, para um novo ano de actividades.

A todas, indistintamente, nossos respeitosos e sinceros cumprimentos.

Num casamento

No dia 23 do corrente, deu-se um lamentável desastre, durante as festas dum casamento. Foi o caso que José Maria Estanbala, de 50 anos, caiu num deirão com comida fervente, ficando muito queimado.

Em férias

A passar as férias, encontra-se nesta Vila o Reverendo Padre Carolo que nos tem dado honra de aprazíveis momentos da melhor espiritualidade.

Os nossos respeitosos cumprimentos de muita simpatia e apreço.

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço somos forçados a retirar o original e o nosso folhetim, e voltaremos a dar à estampa logo que nos seja possível.

directamente ou em regime de parceria;

b) Os ceareiros;

c) Os que recebem rendas, pensões ou outras prestações em milho;

d) Os que debulham milho maquia.

Anúncios—1500 cada linha, segundo o linômetro de corpo B. Anúncios permanentes e especiais — contractos especiais. Número avulso—550. Numeros atrasados: 1500. A correspondência é dirigida ao Director.

Correio de Nisa

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

Assinatura, um ano—26300, no continente; Colónias e Estrangeiro, com o acréscimo de portes. Não se restituem originaes quer sejam ou não publicados. — Toda a colaboração para o jornal é solicitada.

S. R.

Ministério da Economia

Sub-Secretariado do Estado da Agricultura

Inspecção Geral das Indústrias e Comércio Agrícolas

EDITAL

José Pereira Fialho Júnior, Inspector Geral das Indústrias e Comércio Agrícolas, faz saber, para execução do disposto no Art.º 17º do Decreto n.º 31.445, de 4 de Agosto de 1941, que Celestino Rodrigues Coutinho e participantes residente em Lisboa requereu autorização para instalar um lagar de azeite por transferência incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de cheiro, perigo de incêndio, inquinação das águas, no lugar de Espírito Santo, freguesia de Espírito Santo, Concelho de Nisa.

Quaisquer impugnações ou reclamações sobre a supracitada pretensão, feitas nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incômodas, Perigosas ou Tóxicas, deverão ser apresentadas, no prazo de 30 dias, a contar da data da afixação do presente edital, na sede da Inspecção Geral das Indústrias e Comércio Agrícolas — Avenida de Berne, n.º 85, Lisboa — onde poderão ser examinados, pelos interessados, os documentos juntos ao respectivo processo.

Inspecção Geral das Indústrias e Comércio Agrícolas, Lisboa, em 17 de Agosto de 1945.

O Inspector Geral,

JOSÉ PEREIRA FIALHO JÚNIOR

Fora da Circulação

A administração do Banco de Portugal resolveu retirar da circulação as seguintes notas:

- 1.000\$00 Esc.—ouro Chapa 4 (éfigie de Sã da Bandeira).
- 500\$00 Esc.—ouro Chapa 4 (éfigie Duque de Palmela).
- 100\$00 Esc.—ouro Chapa 4 (éfigie Gomes Freire).
- 50\$00 Esc.—ouro Chapa 4 (éfigie Borges Carneiro).
- 50\$00 Esc.—ouro Chapa 5 (Duque de Saldanha).

Anunciem no «CORREIO DE NISA»

A ROMARIA DA COMENDA

É no dia de hoje, primeiro domingo de setembro, que anualmente se realiza a tradicional Romaria a Nossa Senhora das Necessidades.

Para que, no *Correio de Nisa*, se archive quanto de pitoresco e interessante ofereça, noutros tempos, tal festividade sob os aspectos folclórico, etnográfico, comercial, etc., transcrevemos de *Brados do Alentejo* um artigo publicado em 1933 pelo nosso colaborador J. Figueiredo.

«Nesta região e por todo o Alto-Alentejo, por terras da Beira e Estremadura Oriental, é a romaria a Nossa Senhora das Necessidades uma das mais concorridas.

Pode computar-se em muitos milhares o número de pessoas que, levadas pela crença ou por mera diversão, ou ainda solicitadas por negócios de vários géneros, acorrem ao descampo em que, no primeiro domingo de setembro, se festeja ruidosamente a milagrosa padroeira da freguesia da Comenda.

Vem de tempos imemoriais a devoção destas gentes pela Senhora das Necessidades, e a fama da importantíssima feira, realizada por ocasião da festa, também desde remotas eras chama ao êrmo e inhóspito local, provindos dos mais remotos confins do país, toda a enorme legião de negociantes de gados, quinqueleiros, ourives, etc. etc., não faltando nunca a palreira, astuciosa e turbulenta fauna da ciganagem...

De Nisa, embora não tanto como há meio século, ainda hoje a concorrência é numerosa, e é interessante assistir à partida ou regresso das inúmeras carretas (carros de bois), meio de transporte de que preferentemente se serve a maioria dosromeiros.

Estes rápidos e cómodos veículos levam todos um *estético* tóldo, cujo esqueleto é formado por três ou quatro arcos de salgueiro ou de ferro, atados aos fúeiros ou apoiados nos tendais, e por algumas canas unindo os arcos, sustentam um lençol de estopinha ou panel de linhagem, providente defesa dosromeiros contra as inclemências solares ou contra a surpresa de uma chuva intempestiva...

A's primeiras horas do serão de sexta-feira anterior ao dia da festa, começam a chegar a Nisa as carretas dos *ratinhos* e *montezinhos*. Aqui fazem a

primeira etapa do difícil e prolongado trajecto e, no Rossio ou em qualquer outro largo, logo improvisam balles que, entre constante alarido, só terminam quando de novo se põem a caminho.

Pelas oito ou nove da noite as carretas com osromeiros de Nisa. Dentro delas amalgamam-se dez e mais pessoas, até caberem, e, durante as intermináveis horas que o passo dos pachorrentos bois leva a vencer os vinte e tantos quilómetros entre Nisa e a Comenda, as gargantas das jovens não cessam de atrair à espessura da noite a alegria estridula dos seus cantares.

As carretas da Comenda que recordações ficam pela vida fora a tantos que, nos dois dias da romaria, nelas continuam as indúlcias doçuras da lua de mel...

Raros são os casadinhos de há pouco—e em Nisa quasi todos os casamentos se realizam em agosto—que não vão à Senhora das Necessidades. E creio suceder o mesmo na maioria das terras desta região.

E assim, com o cupidíneo fogo a estudar no peito e com as labaredas incendiárias a fustigar em olhos que são crateras de desejo, na aspereza do terreno calcinado por um sol esbraseante, cujos raios os tóldos das carretas suavizam, ou à luz das estrélas, do alto a sorrir aos amorosos pares, a mocidade vive ali inolvidáveis horas que para sempre lhes vincam na alma o traço rutilante duma doce saúde!

As carretas da Comenda! Estou agora a vê-las nos tempos longínquos da minha infância e recordam-me episódios vários, entre eles um, conhecido da maioria dos nissenses e que a tradição dá como sucedido há multíssimos anos. Na ocasião da romaria é frequente ouvir-se falar do caso, por entre os comentários hilares e jocosos com que se costuma sublinhar a graça duma picaresca anedota.

Foi o seguinte:

As famílias, que projectam a digressão à Comenda, reservam sempre para esta oportunidade o melhor naco de presunto, a mais apetitosa rodela de lombo e outras vitualhas que lhes garantam, nos dois dias da festa, suculentas e melhores refeições. Mas—pelo menos noutros tempos era assim—o que não faltava nunca eram as tradicionais almôndegas de

batata!

Ora, num certo ano, à hora da partida, uma das tais carretas, cobertas com um alvíssimo tóldo de estopinha, esperava que nela tomasse lugar um numeroso grupo deromeiras. A pacífica junta de bois, garridamente ajazada com largos e vistosos colares de reluzente pregaria, ia acompanhando as pacientes rumações com o teltintar compassado das monótonas esquilas.

Umaz dez pessoas se intalaram no leito da carreta sobre pequenas cadeiras, mas, antes disso, cada qual tratou de acautelar, o melhor que pôde, o respectivo farnel, dependurando-o por meio de ganchos de arame, dos arcos de salgueiro que sustentavam o tóldo.

E, com o carreteiro à frente, de agulhada no ombro, iniciou-se a viagem e, com ela, o gargantear alegre e ininterrupto das lindas moças que no carro seguiam. Sob a alvura do tóldo como pêndulas, oscilavam, bambolevam as bôlsas, as cestas, os canados, onde iam as provisões para dois dias.

A noite estava escura, parecendo assim maior a cintilação das estrélas. Tinham passado o Figueiró, a Coutadinha, a Lage da Prata, a Lameirancha... O carreteiro, farto de palmilar à frente dos bois, tomara assento da carreta e... Cabeceava.

Calara-se havia pouco o *orfeão* e um dos componentes, solicitado talvez por um imperativo gastronómico, pergunta à consorte: —Ó Maria, sempre fizeste as almôndegas?

—Pudera!... volveu a mulher. Vão ali no canado. E indicava-o sobre a cabeça, pendendo dum dos arcos do tóldo.

Entretanto, o carreteiro adormecera profundamente, e os bois, enveredando livremente para uma profunda sobrota, precipitaram nela a pesada viatura com a respectiva carga. Por sorte, os animais pararam logo, e do desastre, que poderia ter tido graves consequências, não resultou para os passageiros sequer uma leve contusão.

Refeitos do susto, verificaram que grande parte dos farnéis se encontravam dispersos pelo chão. O célebre canado rebolara para uns dez metros do local sinistro, destapara-se com o choque e das almôndegas nem uma só ficara dentro. Mas, apesar das trevas da noi-

Dr. Durões Correia

Depois duma digressão para Norte e pela Capital, acompanhado de Sua Ex.ª esposa, regressou ao nosso convívio o nosso amigo e Director «Colégio Condéstavel» Dr. Durões Correia. Os nossos cumprimentos.

Falecimento

Para o cemitério desta Vila realizou-se o funeral de Antónia da Graça Nogueira de 70 annos. Era pai de Catarina da Graça Nogueira e deixa viuva a Maria Antónia Basso. A família enlutada, e em especial o género o Sr. Viriato Diniz Correia, apresenta o «Correio de Nisa» sentidas condolências.

te, sobre a areia branca do minho destacavam-se, aquilum, uma pequenas corposcuros. E, á pressa, marido e mulher trataram de apañar-las, reenchendo com êles o nado. Risotas, gargalhadas e toca para diante!

Ao amanhecer estavam a Comenda. Por todo o campo era o sussurro, o alarde, a confusão de sons e cheiros característicos das terras regionais.

Pouco depois, a filarmónica de Gavião, regida pelo mestre Viras, dava a alvorada com o extravagante passo-dobrado. Era marcial o clangor dos netins, só comparável ao estudente arreganho com que certa altura, calados todos naipes, os executantes gritavam: —«Avança com êle, fadista!»

Tôda a feira ria, e osromeiros, bem dispostos, a sar dos percalços do caminho resolveram atacar pela primeira vez os viáticos opulentos. Estendem, junto à carreta, niveas toalhas e, sobre ellas colocam o pão, as marmittas, etc.

Lá está também o canado. Uma voz:—Façam favor se servir duma almôndega, nha...

Com o canado cingido pelo braço esquerdo de encontro ao peito, o oferente tira a tampa de cortiça com a mão direita expõe o conteúdo à vista e a bica dos circunstantes.

Mas—ô céus!—o maldito canado estava cheio de almôndegas, mas não eram as que boa mulher com tanto apuro tinha confeccionado!... Era outras, que os jumentos da ganagem sobre a areia tinham deixado e a escuridão da noite não permitira distinguir as autênticas!!!

O homem ficou passado, mulher trespassada, mas outros convivas iam rebentando a rir!...

J. FIGUEIREDO

Aprovado pelo Ministério da Educação Nacional.

Colégio Condéstavel

NISA

Encontram-se desde já abertas as matrículas.